Malformações Congênitas do Sistema Cardiovascular: Análise Epidemiológica das Internações nos últimos 5 anos de pacientes pediátricos no Brasil

XVII Congresso Gaúcho de Atualização em Pediatria
O Pediatra conduzindo a Saúde do Futuro
15 a 17 de maio de 2025
CENTRO DE CONVENÇÕES BARRA SHOPPING
PORTO ALEGRE - RS

Maya Yang de Castro[1] (maya.yang@edu.pucrs.br), Laura Mattiello Ribeiro[1] (l.mattiello001@edu.pucrs.br), Giovanna Biriva Carvalho da Silva[1] (g.biriva@edu.pucrs.br) , Mariana Zimmermman Vianna[1] (mariana.z@edu.pucrs.br), Rodrigo Nora Ruschel[1] (rodrigo.nora@edu.pucrs.br), Esthela Rodegheri Trevisan[1] (esthela.trevisan@edu.pucrs.br), Eduarda Boaretto Frizon[1] (boaretto.e@edu.pucrs.br), Eduardo Capovilla[1] (eduardo.capovilla01@edu.pucrs.br), Oscar Rockenbach Pereira[2] (oscar.pereira@pucrs.br)

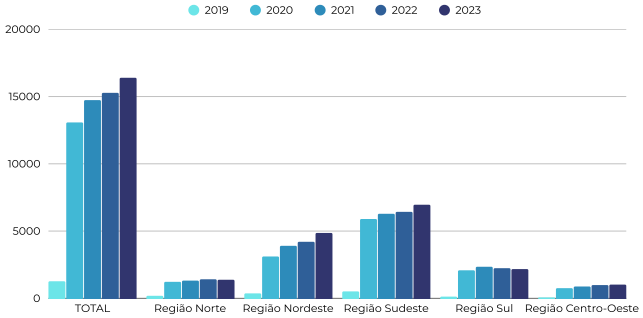
[1]Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)
[2]Hospital São Lucas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (HSL PUCRS)

Introdução:
As malformações congênitas do sistema cardiovascular afetam o desenvolvimento do coração e dos vasos sanguíneos desde o nascimento. Este estudo examina a epidemiologia e a distribuição dessas malformações na população pediátrica no Brasil nos últimos 5 anos.

Objetivos:
Avaliar o perfil epidemiológico das internações de crianças e adolescentes menores de 19 anos, devido a malformações congênitas do sistema cardiovascular, no Brasil, no período de janeiro de 2020 a janeiro de 2025.

Métodos:
Foi realizado um estudo de natureza descritiva, retrospectiva e quantitativa, utilizando dados secundários provenientes do Sistema de Informações Hospitalares (SIH), administrado pelo Departamento de Informática do SUS (DATASUS). O estudo abrangeu informações relativas às internações de pacientes com malformações congênitas do sistema cardiovascular, com idades variando de menores de 1 ano a 19 anos.

Resultados:
No Brasil, nos últimos 5 anos, foram registradas 77.224 internações devido a malformações congênitas do aparelho circulatório. Quanto às diferentes regiões do Brasil, a Sudeste registrou, 43,04% (n=33.239), seguida pela Nordeste, 27,4% (n=21.202), pela Sul, 14,5% (n=11.205), pela Norte, 8,6% (n=6.662) e pela Centro-Oeste, 6,3% (n=4.916). Considerando a idade dos pacientes, pacientes menores de 1 ano, 60,1% (n=46.423), tiveram maioria nos casos de malformações congênitas do aparelho circulatório, seguida de 1-4 anos, 20,5% (n=15.880), 5-9 anos, 9,5% (n=7.373), 10-14 anos, 6,1% (n=4.743), e 15-19 anos, 3,6% (n=2.805). A respeito da cor/raça, branca, 37,1% (n=28.724), preta, 2,6% (n=2.020), parda, 44,7% (n=34.523), amarela, 0,37% (n=292), indígena, 0,31% (n=245), e sem informação, 14,7% (n=11.420). No que se refere ao sexo, o sexo masculino foi prevalente com 51,3% (n=39.660), enquanto o sexo feminino obteve 48,6% (n=37.564). Quanto a média de permanência de internação em território nacional, 10,9 dias, sendo os menores de 1 ano estadia maior que a média nacional com 12,6 dias. Considerando a evolução clínica, 4.946 casos evoluíram ao óbito, sendo 86,5% (n=4.282) em menores de 1 ano.



Conclusão:
Conclui-se que existe alta taxa de mortalidade entre os menores de 1 ano, 86,5%,com predominância do sexo masculino e da raça parda, destacando a necessidade de melhorias no diagnóstico precoce. Não obstante, os dados sugerem a necessidade de otimização do tempo de internação hospitalar e que essa patologia requer maior atenção nas políticas de saúde pública

PUCRS Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

LIGACIV